

## PÁGINAS AZUIS

apenas estuda, mas você sempre tem um serviço. Então, trabalhei no primeiro ano em um centro de sobreviventes de tortura. Pessoas que tinham passado pela experiência da tortura e que iam procurar ajuda psicológica. Isso fortaleceu a minha ideia de trabalhar com saúde mental. Depois, trabalhei com os índios Lakota Sioux, uma tribo norte-americana famosa por ter conseguido resistir à casta, por ter vencido o exército. Eles conseguiram conservar toda a tradição, a espiritualidade.

**OP** - Sua relação com o Brasil começou de que forma?

**Rino** - Em 1993, participei de um congresso de psiquiatria no Rio de Janeiro. Foi interessante porque lá eu conheci o doutor Adalberto Barreto, que é o fundador da terapia comunitária, que trabalha na periferia com os excluídos e que era o tipo de missão que eu tinha na cabeça. Eu era padre e queria trabalhar na saúde mental, mas não sabia exatamente como. Então eu vi a apresentação da experiência do projeto Quatro Varas (Pirambu), que se preocupava com o resgate das raízes culturais, o respeito da espiritualidade, da adversidade. Conheci o projeto. E aqui, nesta casa, funcionava a comunidade comboniana, com meus colegas que trabalhavam na área pastoral do Bom Jardim. Eles ficaram muito interessados, porque a questão da saúde mental começou a se apresentar como sendo um problema muito sério.

**OP** - E já veio para ficar em 93?

**Rino** - Fiquei uma semana aqui e depois fui para o Maranhão. Fiquei o verão todo lá e participei da criação do primeiro centro comunitário que trabalhava com saúde mental. Lá, criou-se uma espécie de embrião do Caps que existe hoje. Onde se pretendia criar condições para o atendimento da comunidade nessa perspectiva da saúde mental. Fiquei três meses e voltei para Chicago, terminei minha formação e pedi para vir para cá. Em abril de 1996 eu cheguei em Fortaleza.

**OP** - A casa funcionava só como sede dos missionários?

**Rino** - Era a casa pastoral, mas meus colegas já tinham essa sensibilidade para o social. E toda nossa ação aqui sempre foi caracterizada pela união entre fé e vida, por uma opção preferencial pelos mais pobres, por um trabalho de conscientização das lideranças para o desenvolvimento de uma cidadania ativa, para trabalhar a questão dos direitos humanos. E, portanto, para trabalhar a melhor qualidade da saúde, uma melhor educação... E eu, sendo que era médico psiquiatra, comecei a trabalhar escutando as pessoas. E escutando as pessoas vi realmente que não havia ninguém que as escutasse. E havia um bocado de gente que precisava ser escutada. Além das pessoas que eram portadoras de uma patologia psiquiátrica, existia aquela patologia da alma, do sofrimento do dia a dia. Pessoas que vivem em situação precária, sem perspectivas de futuro, desempregadas, expostas a riscos.

**OP** - Mas o que o senhor sentiu quando chegou aqui? A realidade era parecida com a que o senhor já tinha visto em outros países?

**Rino** - O que mais chama atenção no Brasil é o *apartheid social*. É a grande diferença entre os mais pobres e os mais abastecidos. Existem 10% que vivem na Aldeota, em padrão europeu, e existem os que vivem em condição de miséria. Quando eu cheguei aqui ainda existia gente morrendo de fome, crianças desnutridas.

**OP** - Mas foi mais chocante do que o senhor esperava?

**Rino** - Na verdade, era mais ou menos o que eu já esperava. Meus companheiros traziam as informações. Mesmo assim é



Antes de se mudar para o Brasil, padre Rino morou um ano em Uganda, na África, que estava em guerra. Ele trabalhava num hospital que atendia os feridos em combate

uma situação que você se interroga. Como um país "rico" como o Brasil, que pode dar comida a todo povo, por que isso não acontece? É como a questão da desigualdade e da distribuição de renda, que está totalmente alterada. É uma herança do Brasil, que tem raízes escravas, raízes de exploração e que, aos poucos, vai se organizando. Mas logo chama atenção a diferença que há na Aldeota, na Beira Mar, para a favela Pantanal. Aqui tem pessoas que vivem em casa de taipa, sem água encanada. Cerca de 27% das pessoas vivem com menos de meio salário. É uma situação indigna.

**OP** - Quando o senhor encontrava aquelas pessoas, elas eram conformadas com a situação em que viviam?

**Rino** - O que essas pessoas passavam para mim foi o que a gente diagnosticou como "pobreza internalizada". A miséria, a pobreza, a falta de continuidade geravam uma espécie de síndrome. As pessoas achavam que a vida era assim mesmo, que não dava para mudar, que era vontade de Deus. Então, a pessoa acaba se acostumando com essa situação de fatalismo. Alimentam essa falsa imagem de Deus, que a igreja da religião civil, que quer manter as coisas assim, como estão. Que serve para os poderosos, violentos, dos ex-pertencentes à ditadura, que matou, que torturou, para manter o privilégio de um grupinho.

**OP** - E qual era a visão dessas pessoas sobre a religião, sobre Deus?

**Rino** - Seguente: em primeiro lugar é preciso explicar que existe essa Igreja, que promete o inferno. E as pessoas ficam horrorizadas com medo do inferno. Então, a primeira coisa que a gente falava para essas pessoas era: "realmente, o in-

ferno existe. Mas tenho uma boa notícia para vocês: o inferno está vazio, porque a misericórdia de Deus é tão grande que não deixa ninguém ir para lá. Ele não se preocupa com as falhas, com as coisas negativas de vocês. Ele se preocupa com a luz, com a felicidade, com aquilo que vocês podem realizar". Aí começava a surgir uma outra perspectiva, uma outra maneira de perceber a Igreja. E, na cultura brasileira, a experiência religiosa, da mística, da espiritualidade, é um processo muito complexo. Porque vem de uma miscigenação cultural. Na verdade, a espiritualidade brasileira e, especialmente a nordestina, revela essa espiritualidade da retribuição, da promessa. Eu dou, tu me dá. Você deu a cura do meu filho, então lhe pago de volta. Essa teologia da retribuição que nada tem a ver com a teologia da gratuidade, que é a expressão real do Deus do amor, do Deus da vida. É aquele "painho" que é amor, ternura, acolhida. Então, nós trabalhamos muito nessa religiosidade libertadora, que ajuda as pessoas a saírem dessas correntes, dessa falsa imagem de Deus. E, conseqüentemente, de uma Igreja que, ao invés de libertar, aprisiona a mente.

**OP** - E como se dá esse choque?

**Rino** - As pessoas foram educadas desse jeito. Internalizaram essa falsa imagem, distorcida, de um Deus que só é pronto para retribuir a falha, o pecado. Com a ameaça do inferno, do sofrimento. A pessoa fica paralisada na culpa, no sofrimento, na dependência, na resignação, que sempre tem alguém para dizer o que é certo ou errado. Isso impede um processo de libertação de autonomia. Então, esse choque nós trabalhamos no grupo da autoestima. Porque na terapia comunitária nós detectamos a pobreza internalizada, e criamos grupos para trabalhar a autoestima das pessoas. E aqui vem uma percepção do autoconhecimento. Porque para trabalhar a autoestima a pessoa tem que aprender a se conhecer. A palavra chave é o cuidado: se cuidar para poder cuidar dos ou-

A entrevista com padre Rino foi realizada na última segunda-feira, 21, no jardim do Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim. O espaço, que é bastante agradável, tem muito verde e diversos tipos de animais. Cachorros, gatos, coelhos, pavões, galinhas, tartarugas e papagaios convivem harmoniosamente. Padre Rino parece ter o poder de "hipnotizar" os animais. Em seu colo, ele coloca os bichos de barriga para cima e apoia a mão sobre eles. "Eles ficam em transe", afirma o missionário.

tros. Se você se cuida, acaba se conhecendo melhor e vê o que é melhor para você. Eu aprendo a gostar de mim assim como eu sou. Assim a gente desenvolve uma autoestima saudável e parte para uma realização da própria vida.

**OP** - Nos grupos que vocês desenvolvem esse trabalho podem participar pessoas de várias religiões?

**Rino** - Óbvio. Na nossa experiência acolhemos todo mundo. Pessoas que pertencem a diferentes religiões: católicos, espíritas, evangélicos, afro-brasileiros, ou agnósticos, que não têm religião. Mas que vivenciam nosso processo à acolhida, à partilha. Aprende-se a gostar de si e dos outros do jeito que cada um é. Se é índio, é índio; se é negro, é negro; se é gay, é gay. É a partir disso que você tem chance de ser feliz. A acolhida é incondicional.

**OP** - Como é fazer um trabalho desses no Bom Jardim, que tem altos índices de violência? Qual a principal dificuldade?

**Rino** - Por incrível que pareça, a dificuldade veio de pessoas que eu achava que poderiam ajudar mais. Essa proposta da saúde mental, da terapia, é uma coisa que cria uma certa distância. Negócio de doido, dizem. Na realidade, as pessoas têm medo de se confrontar com essa questão. Porque de "médico e de louco todo mundo tem um pouco". Mas desse louco todo mundo tem um pouco de medo. As pessoas que eu esperava que pudessem me ajudar acabaram não ajudando. Atrapalharam até. Companheiros e colegas que não acreditam. Acham que é besteira, moda, que não tem nada a ver com Igreja. E ainda hoje a relação da Igreja com a psiquiatria é delicada. Porque a psiquiatria tem raízes freudianas, que negam a presença de Deus. Portanto, o conceito que há de psíquico ainda tem a ver com ateísmo. Coisa que depois foi superada, porque vários autores, a partir do Jung, desenvolveram uma abordagem analítica que integrava a questão da cultura, da religião, do simbolismo. A espiritualidade não é vista como obstáculo, pelo contrário.

**OP** - Padre, como o Vaticano vê esse trabalho que o senhor faz aqui? Que tipo de resposta o senhor tem de lá?

**Rino** - Oficialmente, tenho relacionamento muito bom com a Igreja. Particularmente com o bispo, Dom José Antônio. Sempre me chama para ajudá-lo quando há pessoas que estão precisando. Senhores e senhoras que fazem parte do clero e estão em momento de dificuldade. Ele tem a maior estima pelo nosso trabalho. Mas nem todo mundo acha que esse trabalho tem uma conotação da pastoral tradicional. Quem se preocupa com o número de batizados, número de missas, que tem uma visão eclesiocêntrica, acha que esse trabalho poderia ser feito por outros profissionais. Agora, para quem tem uma visão ecumênica e sabe como essa questão da psicologia e da psiquiatria mexe com a alma, mexe com a espiritualidade, entende que uma figura que é padre e psiquiatra trabalha em uma linha de limite entre duas dimensões que precisam de uma mediação. E essa mediação ajuda muito as pessoas a entenderem melhor o que está acontecendo. Porque umas pessoas me procuram como psiquiatra. Outras, me procuram como padre. Mas num mesmo contexto, na mesma doença, na mesma diferença. Então, é uma nova profissão que se revela muito importante. Tanto é que hoje estão pipocando o número de padres e freiras psicólogos. Psiquiatras ainda somos poucos, mas psicólogos têm vários. E por que isso? Em 2030, a OMS diz que a depressão vai ser o segundo maior problema das doenças incapacitantes.

**A proposta da Igreja era muito fechada, conservadora, muito próxima dos interesses dos poderosos**



**As pessoas internalizaram essa imagem de um Deus que só é pronto para retribuir a falha, o pecado**

**O que mais me chama atenção é o apartheid social, grande diferença entre os mais pobres e os abastecidos**

**OP** - Esse trabalho que o senhor faz no Bom Jardim poderia ser feito em qualquer outro bairro?

**Rino** - Sim. A Organização Panamericana da Saúde (Opas) acha que este modelo é adaptado para se espalhar na América Latina toda. Por causa das características dele. Ou seja: trabalhar a partir da comunidade. Todos os membros do movimento são oriundos da comunidade. A maior parte chegou aqui como usuário, passou por um momento pessoal de crise. Eles superaram a crise e vieram trabalhar a serviço da comunidade. Então, a sensibilidade é maior porque ela sabe o que os outros estão passando.

**OP** - Aqui os animais convivem em harmonia, tem muito verde. Tudo isso é para transformar o local em um ambiente de paz?

**Rino** - Nossa abordagem se inspira em uma visão biocêntrica. Então, significa que somos todos parentes, integrando a vida animal, vegetal, mineral, os seres invisíveis. Temos que desenvolver a amizade com os animais, a planta, o ambiente. Porque se não é amigo do ambiente, ele vai se voltar contra a gente. Aí é poluição, doença, insustentabilidade dos recursos. Estamos no limite. Nosso caminho é voltar às raízes culturais. Mobilizar as nossas energias para reconstituir uma harmonia, um respeito. Não porque é uma obrigação. Deve ser um prazer.

**OP** - Se hoje fosse necessário que o senhor deixasse a religião para continuar esse trabalho como psiquiatra, o senhor deixaria?

**Rino** - Vou responder com uma frase que um amigo disse quando eu me interrogava sobre isso. "Você nunca será não-médico e não-padre. Porque você é médico e padre". Essa é a melhor forma de responder.

**OP** - Padre, e se o Vaticano chamasse o senhor para voltar à Itália, para sair do Brasil. Qual seria a reação do senhor?

**Rino** - Acho que eu vou rezar muito.

Padre Rino diz que a maioria das pessoas atendidas no movimento sofre de "pobreza internalizada". São acostumadas com a situação em que vivem

**OP** - Rezar para que? Para não acontecer isso?

**Rino** - (Risos) Eu vou rezar muito. A resposta é que vou rezar muito (risos)...

**OP** - Aquele contato com a morte que o senhor teve quando era motorista de ambulância deve ter gerado na sua cabeça vários questionamentos sobre a vida...

**Rino** - Foi um choque. Que ainda hoje me aproxima ao significado mais profundo da eucaristia. Aquilo que eu chamo de eucaristia da rua. Porque me dei conta que, naquela dor, naquele sofrimento, tinha uma energia que me ligava diretamente com a vida.

**OP** - E o senhor já tem resposta àqueles questionamentos que surgiram quando tinha 18 anos?

**Rino** - Onde tem alguém excluído, marginalizado, que está sofrendo por causa de algo que é provocado... Você percebe que, quando está servindo ao pobre, ao marginalizado, a quem está sofrendo, você está servindo mesmo a algo de divino, de transcendente.

**OP** - Então o senhor continua dirigindo aquela ambulância ainda?

**Rino** - Continuo. Inclusive, a Kombi daqui é o mesmo modelo da que eu dirigia naquela época (risos).

**OP** - E se o senhor fosse embora daqui hoje, o trabalho andaria sozinho?

**Rino** - Andaria. Está bem estruturado. Mas você pode fazer esta pergunta ao grupo...